

Produção de Hortaliças em Bases Agroecológicas: A Experiência do Assentamento Cunha/GO

FREITAS, Vinicius. Embrapa Hortaliças, freitas@cnph.embrapa.br; FRANÇA, Rodrigo. Funepe, chapparow@hotmail.com; ALMEIDA, Vicente. Embrapa Hortaliças, vicente@cnph.embrapa.br;

Resumo

Este texto apresenta a experiência de formação para produção de hortaliças, em base agroecológica, decorrida entre abril de 2008 e abril de 2009, junto ao grupo coletivo Carajás, do Assentamento “Cunha”, localizado no Estado de Goiás, próximo a Brasília/DF. A atividade foi realizada sob a coordenação da Embrapa Hortaliças, no âmbito do Programa Biodiversidade Brasil Itália (PBBI). A produção de hortaliças, surgiu como uma demanda dos produtores do Cunha, com a finalidade de garantir o acesso a alimentos saudáveis e gerar renda, a partir do excedente de produção. Como resultado, o trabalho na horta alcançou avanços consideráveis no desenvolvimento de estratégias para construção do conhecimento agroecológico. Com a estrutura e ritmo de trabalho atual, o abastecimento interno está garantido e a experiência já avança em duas estratégias de comercialização, mantendo o olhar crítico quanto à sustentabilidade do agroecossistema.

Palavras-chave: Agroecologia, transição, olericultura.

Contexto

O interesse do grupo coletivo Carajás no cultivo de hortaliças pode ser explicado pela versatilidade dessa atividade produtiva, capaz de gerar renda com boa frequência e regularidade, vantagens importantes para a sustentabilidade econômica da família rural. Do ponto de vista da segurança alimentar, a horta cumpre também o papel de garantir a disponibilidade e acesso a alimentos diversos, de qualidade e na quantidade necessária, sem comprometer outras necessidades fundamentais (CONFERÊNCIA, 2007). As hortaliças desempenham um papel importante na consecução desses objetivos, por comporem, em sua maioria, o grupo dos alimentos ditos “reguladores”, como fontes de vitaminas e sais minerais, fundamentais para uma alimentação adequada e equilibrada. Nesse sentido, os objetivos desse projeto foram concentrados na formação de agricultores para a produção de hortaliças, com ênfase na análise crítica da prática de campo inserida no contexto geográfico, político, social, econômico, ambiental e produtivo, ao qual está intimamente relacionada. A opção de formação crítica, de agricultores capazes de conduzir seus próprios experimentos, tal como sugere Hocdé (1999), deve-se à constatação de que a agricultura envolve, antes da prática de cultivo pura e simples, um processo social, integrado a sistemas econômicos e que, portanto, qualquer enfoque baseado simplesmente na tecnologia ou na mudança de base técnica pode implicar no surgimento de novas relações sociais (CAPORAL e COSTABEBER, 2007).

O assentamento Cunha surgiu da ocupação da fazenda, que levava o mesmo nome, em 1997, por famílias de produtores rurais, que reivindicavam o acesso a terra como um bem de todos. Essa ação, de iniciativa do MST em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Luziânia - GO, reuniu, inicialmente, em torno de 300 famílias. Após um ano, onze dessas famílias se juntaram para fundar o grupo coletivo Eldorado de Carajás (ou apenas “grupo Carajás”), com a finalidade manter a organização coletiva do assentamento, incluindo a forma de planejamento do território. O processo de regularização e oficialização do assentamento foi efetivado em 2001, com 62 famílias assentadas em propriedades individuais de 10 a 12 hectares. O grupo coletivo atualmente conta com seis famílias, e conseguiu se manter unido, mesmo sob forte pressão dos órgãos oficiais, com os lotes concentrados na mesma vizinhança, sem divisões de cercas e adotando estratégias de organização coletiva das atividades rurais. Há cerca de cinco anos, foi

assumido o desafio de construir um estilo de agricultura fundado em bases sustentáveis. Atualmente, o grupo se reconhece em plena fase de transição agroecológica e a horta desempenha um papel fundamental para a consecução dos preceitos fundamentais da segurança alimentar e da agroecologia servindo como laboratório para experiências e debates. Esses objetivos são assumidos como estratégicos pelo grupo do assentamento Cunha.

O espaço físico da horta coletiva é de aproximadamente um hectare, localizada em um setor central da área comum do grupo Carajás. Próximo dali, está a maioria das casas das famílias, os prédios da plenária, do alojamento e o refeitório. Didaticamente, a horta é considerada como o agroecossistema básico de estudo para o grupo, mas também é compreendida, de acordo com o enfoque, em integração com as outras atividades em desenvolvimento. Essas atividades envolvem áreas de rotação com outras culturas, tais como milho, feijão, mandioca, mamona, fruteiras, áreas de pastagem, produção de adubos verdes, criação de abelhas e animais de pequeno porte, instalação de experimentos científicos em parceria com instituições de pesquisa, seleção participativa de materiais vegetais, recomposição de áreas de preservação permanente e reserva legal, desenvolvimento de sistemas agroflorestais, entre outras típicas da agricultura familiar, inseridas na dinâmica de vivência, moradia, lazer, trabalho e convívio social do assentamento. Com tais características, a área coletiva se insere como uma espécie de “pequena ilha” em meio a uma realidade de ocupação do Planalto Central, marcada pelo desenvolvimento da agricultura convencional.

Descrição da Experiência

O Programa Biodiversidade Brasil-Itália PBBI é uma iniciativa italo-brasileira de conservação e valorização de espécies de interesse agroalimentar no Brasil. O programa é constituído por quatro projetos, sendo a produção de hortaliças em bases agroecológicas, parte do Projeto Componente 4, voltado ao manejo sustentável da agrobiodiversidade nos biomas Cerrado e Caatinga. Desde o início do projeto, o Assentamento Cunha foi escolhido como um dos “pontos de irradiação”, termo adotado para denominar os locais onde são concentradas atividades diversas, envolvendo desde experimentos e práticas agrícolas de base sustentável a metodologias de construção do conhecimento de forma integrada e participativa. O assentamento fica localizado na Cidade Ocidental, em uma região também conhecida como entorno de Brasília/Distrito Federal a 50 Km do centro da capital, o que é muito favorável para a comercialização dos produtos, pois aproveita a demanda de Brasília, além de proporcionar acesso fácil a outros grupos de produtores interessados no intercâmbio de experiências em agroecologia. A ação de formação para produção agroecológica de hortaliças, coordenada pela Embrapa, teve esforços concentrados no assentamento Cunha, a partir do terceiro ano de execução, com início em abril de 2008 e previsão de encerramento para abril de 2009. Após esse período, há previsão de continuidade das ações em parceria, envolvendo a atual equipe técnica e o grupo coletivo do assentamento Cunha, por meio de outros projetos voltados ao desenvolvimento de experiências de cultivo em bases agroecológicas.

A metodologia ainda em uso, nesta experiência, está baseada nos princípios da Pesquisa Participativa, assumindo que os próprios agricultores são os que melhor conhecem suas demandas (EMBRAPA, 2006), também inspirada na proposta de Hocdé (1999), onde o agricultor é convidado a ser o experimentador/investigador de seus problemas práticos, buscando as origens, testando soluções e avaliando os resultados, em um “processo formal de experimentação”. Assim, as atividades foram planejadas em etapas, a começar pelo levantamento de demandas e prioridades do grupo, ou do problema a ser enfrentado, a partir das conversas e observações diárias, levadas posteriormente para discussão em reuniões. Focando em um problema específico, segue o levantamento de informações de diversas fontes de conhecimento, desde experiências práticas de agricultores, até trabalhos de pesquisa publicados em revistas

científicas. Independente dessa fonte de informação, o mais importante, aqui, é a discussão que se faz, em seguida, reunindo e refletindo criticamente sobre esses materiais coletados. Juntando esses recursos à bagagem de conhecimentos e vivências dos agricultores é possível então planejar e executar ações e experimentações autênticas. Parte-se, portanto, do estabelecimento de um desafio real, como forma de provocar a busca pelo conhecimento, que é, segundo Caporal e Costabeber (2007), o principal insumo da agroecologia.

Nas reflexões e diálogos aqui conduzidas, foram abordados conceitos amplos de agroecologia, entendida como “enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis” Caporal e Costabeber (2007). Mas também, questões mais focadas que surgiram no trabalho, tais como o manejo ecológico de pragas e doenças, o planejamento do espaço da horta e a integração desta com as outras atividades rurais, a ciclagem de nutrientes e autonomia quanto a insumos externos, as possibilidades e estratégias de comercialização, a conservação do solo, o uso racional da água de irrigação, a manutenção e manejo da biodiversidade, a integração e o aproveitamento das políticas públicas facilitadoras da transição agroecológica, as formas de sistematização da experiência de construção do conhecimento agroecológico e as estratégias de resgate e valorização da história do assentamento e das famílias que o construíram e que nele vivem. Essas discussões mantiveram relação direta com algumas estratégias adotadas no campo, como a aplicação do cultivo protegido com estruturas de baixo custo e a adoção de estratégias uso controlado de irrigação e de armazenagem de água, afim de minimizar o problema da falta desse recurso nas condições periódicas de seca, na região Centro-Oeste. A experiência como um todo objetivou a implantação de sistemas produtivos com custos mínimos de implantação.

Resultados

Dentre os grandes temas levantados, o problema da elevada dependência de insumos externos na horticultura surgiu com relativa intensidade nesta experiência. Foi constatado, logo de início, que o mercado de sementes, por exemplo, é fortemente dominado por poucas empresas, na sua maioria multinacionais. Observou-se também que as hortalças, em sua maioria, são plantas de ciclo rápido e, com isso, dependem também de quantidades relativamente grandes de nutrientes em um curto espaço de tempo, sendo assim, quase “natural” o aporte de fontes externas para suprir essa necessidade. Além disso, a grande maioria das cultivares que conhecemos hoje é produto de um longo processo de especialização genética. Esse fato, se de um lado possibilita a tão almejada maximização produtiva e padronização da agricultura, por outro, enfraquece as defesas naturais das plantas, aumentando assim a dependência em relação à interferência humana. Essa constatação elevou a importância da discussão crítica e permanente, ligada à prática agrícola, sugerindo também que o rompimento com um determinado tipo de agricultura é um processo gradual, que provavelmente não será realizado fora de uma rede de atores, cada qual desempenhando um papel diferente e importante para a sustentabilidade de todos.

Quanto à metodologia adotada, a avaliação é de que houve um bom resultado diante dos objetivos propostos de promoção da reflexão crítica sobre a prática agroecológica. A experiência já conta com algumas inovações em termos de ferramentas participativas construídas no “Cunha” para facilitar aplicação de conceitos de ecologia à realidade do agroecossistema. Outras estratégias, tais como o uso de softwares para avaliação de impactos decorrentes da transição agroecológica como um todo, no assentamento, foram também utilizados e adaptados à proposta participativa e proporcionaram resultados importantes para a afirmação do grupo e registro de seu histórico, com as melhorias alcançadas no ambiente de trabalho e vivência. A metodologia de ação baseada em um plano pedagógico aberto e flexível, construído concomitantemente à realização do curso, apesar de muito compensadora, apresentou, porém, sérias restrições e

dificuldades, especialmente considerando a rigidez das estruturas institucionais e seus sistemas verticalizados de pesquisa e extensão, onde são propostos muitos projetos de pesquisa, extensão e ensino, questão abordada também por Hocdé (1999) e Embrapa (2006).

Por fim, o início da comercialização dos produtos, que se supunha prematuro, mostrou-se como um fator decisivo para o desenvolvimento da experiência, potencializando discussões, aumentando a participação e o interesse, mas também exigindo cuidados e reflexões, especialmente no que tange à sustentabilidade do agroecossistema para o cultivo comercial de alimentos. Atualmente, da horta do Cunha são retirados aproximadamente 30 produtos e se observa uma produção estável de excedentes. A comercialização desse, por sua vez, é feita a partir de duas estratégias: o comércio em feira agroecológica já existente no DF, que promove uma relação de confiança entre o consumidor e o produtor e na construção de uma parceria com a Associação de Empregados da Embrapa (Hortaliças), para o fornecimento de produtos ao restaurante dos funcionários, gerido por essa associação, inaugurando uma relação de “produtor rural para trabalhador urbano”. O grupo, atualmente, mantém um ritmo de atividades permanentes e organizadas, com avanços na forma de divisão e organização do trabalho. A produção de hortaliças está, pode-se dizer, ainda, em fase inicial da transição agroecológica, porém apresenta potencial de progresso considerável, em função, principalmente, da abertura ao diálogo já construída de longa data no assentamento Cunha. Fica claro, no entanto, que o processo de transição agroecológica é gradual e as etapas de redução de insumos, substituição e redesenho do agroecossistema, levantada por Gliessman 2000, citado por Embrapa 2006, coexistem, na prática, no mesmo espaço físico e temporal. A grande lição, porém, nesta experiência, não é de ordem técnica, mas filosófica, no sentido de que não pode existir prática, no contexto da transição agroecológica, dissociada da reflexão crítica permanente e da consciência de que o cultivo de alimentos é apenas parte integrante de um contexto social, geográfico, ecológico e político, do qual o agricultor/pesquisador não tem como se ausentar.

Referências

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007. 24 p.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Marco referencial em agroecologia*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 70 p.

HOCDE, H. *A lógica dos agricultores-experimentadores: o caso da América Central*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1999. 36 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. Por um Desenvolvimento Sustentável com Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.3. 2007, Belo Horizonte. *Caderno de textos...* Brasília: MDS/Consea/MDA/MEC/FNDE. 2007. 89 p.